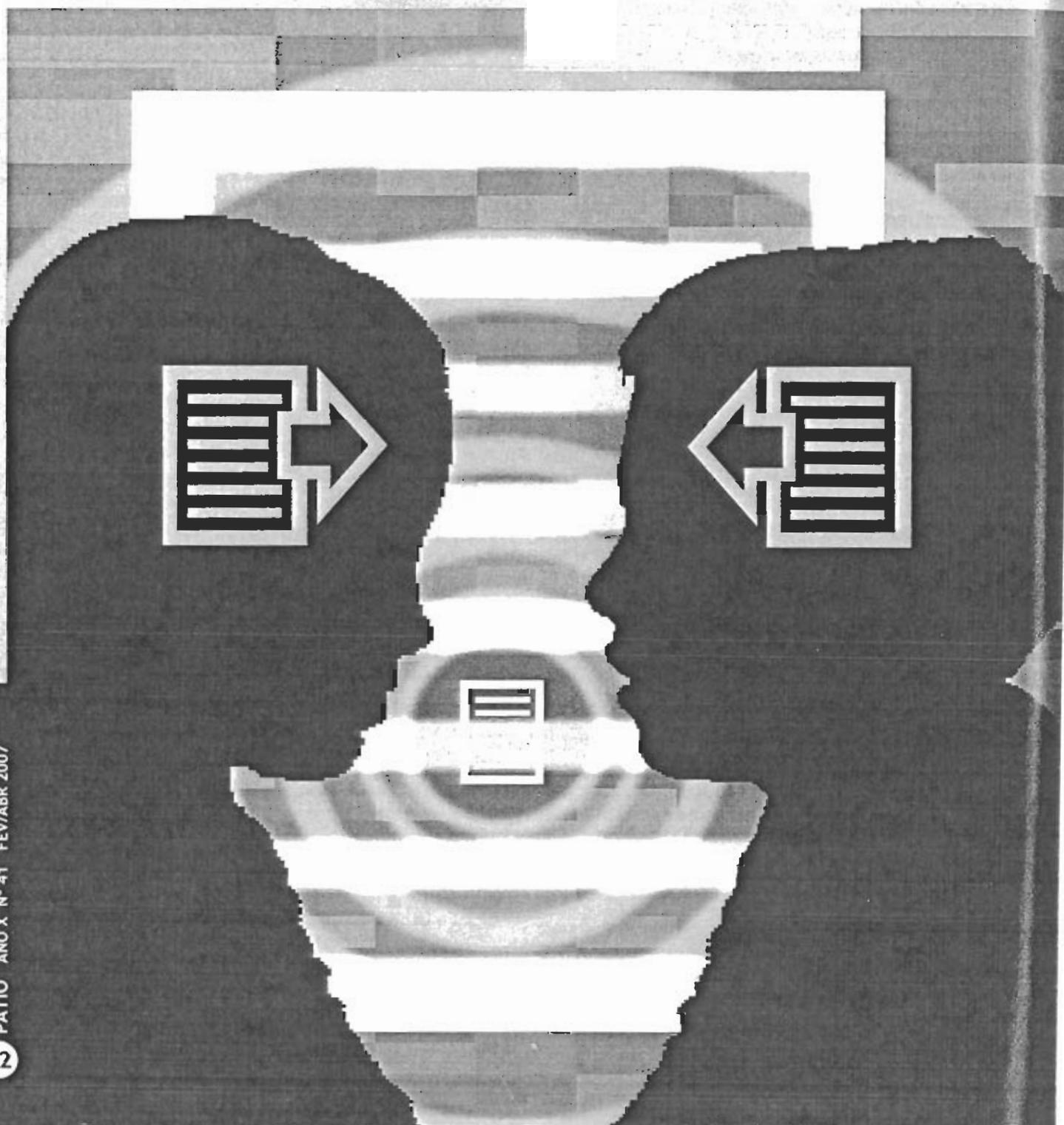


TUTORIA ENTRE IGUAIS E APRENDIZAGEM COOPERATIVA



A tutoria permite converter as salas de aula em comunidades de aprendizes, onde os alunos recebem ajuda de seus colegas, sob a supervisão do professor

Para avançar rumo a um ensino de qualidade para todos, é necessário que incorporemos em nosso banco de atuações docentes um repertório rico e variado de metodologias de ensino. Quanto mais instrumentos de ensino tiverem os professores, mais fácil será responder à diversidade de necessidades educativas colocadas pelos alunos.

Uma fonte de recursos que deveríamos aprender a manejar para enriquecer esse leque é a capacidade dos alunos de oferecer ajuda uns aos outros para aprender. Precisamos descobrir a forma de utilizar as interações entre os alunos como recurso instrutivo. Trata-se de uma energia natural e renovável de que todo docente dispõe em sua sala de aula, mas que o ensino tradicional sempre menosprezou, apresentando as interações entre iguais como algo que atrasava a aprendizagem e considerando que as únicas interações com valor instrutivo eram as que se produziam entre o docente e os alunos.

Abandonar a velha idéia de que os alunos só aprendem com as ajudas, necessariamente limitadas, oferecidas pelo professor em uma sala de aula sempre lotada e compartilhar com eles a capacidade mediadora ou de ensino constituem um desafio que vale a pena abordar. Isso nos permitirá converter nossas salas de aula em comunidades de aprendizes, onde os alunos recebem não apenas a ajuda direta do docente, como também a ajuda de seus colegas, sob a supervisão do professor.

Alguns autores destacam que,

em determinadas circunstâncias, os alunos, ao desempenharem o papel de tutores, podem oferecer a seus colegas uma ajuda pedagógica de qualidade, pelo fato de terem aprendido recentemente o objetivo didático sobre o qual prestam ajuda e, conseqüentemente, serem muito sensíveis aos pontos em que surgem as dificuldades de aprendizagem. Além disso, compartilham experiências culturais e lingüísticas que lhes permitem certa facilidade ao oferecer ajudas apropriadas a seus colegas. Não quero dizer com isso que os alunos sejam melhores mediadores ou que ensinem melhor que os professores. É claro que não. O que quero salientar é que eles podem ter algumas vantagens em relação aos adultos. E a principal, sem dúvida, manifesta-se justamente com o funcionamento atual das salas de aula, onde a ajuda personalizada que podemos dispensar aos nossos alunos é muito limitada. Em contrapartida, podemos organizar as atividades de tal modo que os alunos proporcionem ajuda um ao outro e que tenhamos disponibilidade para atender os que nos solicitarem.

Porém, transformar as interações entre alunos em oportunidades de aprendizagem nem sempre é fácil. Todos temos experiências de trabalho em grupo nas quais alguns alunos pouco ou nada contribuem, enquanto outros fazem tudo. Essa é uma característica do trabalho em grupo, razão pela qual temos de avançar para um conceito mais sofisticado — a equipe — em que sejam imprescindíveis as contribuições de cada um

Precisamos descobrir a forma de utilizar as interações entre alunos como recurso instrutivo

de seus membros. Assim, na aprendizagem cooperativa, promove-se a interdependência positiva entre os membros da equipe (o êxito e o fracasso pessoal associam-se à equipe e vice-versa) e valorizam-se como indispensáveis as contribuições individuais para atingir o objetivo.

Os métodos de aprendizagem cooperativa (Monereo e Duran, 2005) nada mais são do que planos didáticos – alguns mais complexos que outros – que nos ajudam a passar do simples trabalho de grupo ao trabalho de equipe. É comum apresentar-se a aprendizagem cooperativa como uma metodologia privilegiada para a escola inclusiva (ou para todos), visto que não apenas reconhece as diferenças entre os alunos, como também tira partido delas – aprendem graças ao fato de que os alunos são diferentes e têm níveis distintos de conhecimentos –, mostrando a diversidade como algo positivo.

A tutoria entre iguais ou entre alunos é um método de aprendizagem cooperativo, baseado na criação de duplas com uma relação assimétrica (em razão dos papéis respectivos de tutor e tutorado), com um objetivo comum e compartilhado (a aquisição de uma competência curricular), que se consegue mediante um âmbito de relação planejado pelo professor (Duran e Vidal, 2007). Em última análise, trata-se de um aluno que aprende atuando como tutor (como mediador de seu colega), porque, como os docentes sabem muito bem, ensinar é uma boa maneira de aprender. E o aluno tutorado também aprende, porque recebe uma ajuda personalizada de seu colega tutor.

A tutoria entre iguais, sob a denominação de *peertutoring*, tem sido amplamente utilizada em muitos países, em todos os níveis educativos – desde o infantil até o universitário – e em todas as áreas curriculares. É recomendada por especialistas em educação, como a própria Unesco (Topping, 2000), como uma prática altamente eficaz para a escola de qualidade para todos. Podemos encontrar experiências de tutoria entre alunos de diferentes idades (conhecidas como *cross-age tutoring*), nas quais, logicamente, o aluno tutor é mais velho. No

**Desempenhando
o papel de tutores,
os alunos podem
oferecer a seus
colegas uma ajuda
pedagógica
de qualidade**

entanto, também encontramos tutorias entre alunos da mesma idade ou série (*same-age tutoring*), menos complicadas de organizar. Dependendo do caráter fixo ou intercambiável do papel, podemos distinguir entre tutorias de papel fixo e tutorias recíprocas, nas quais o tutor e o tutorado trocam de papel periodicamente. Embora o contexto anglo-saxão esteja mais adiantado do que nós na prática e na pesquisa, a tutoria entre iguais não é nenhuma novidade em nossos ambientes educativos. Ela tem sido utilizada pelos professores das primeiras séries, e a escola rural, com sua sala de aula única composta por alunos de idades diferentes, aproveita essas diferenças para que os maiores ajudem os pequenos.

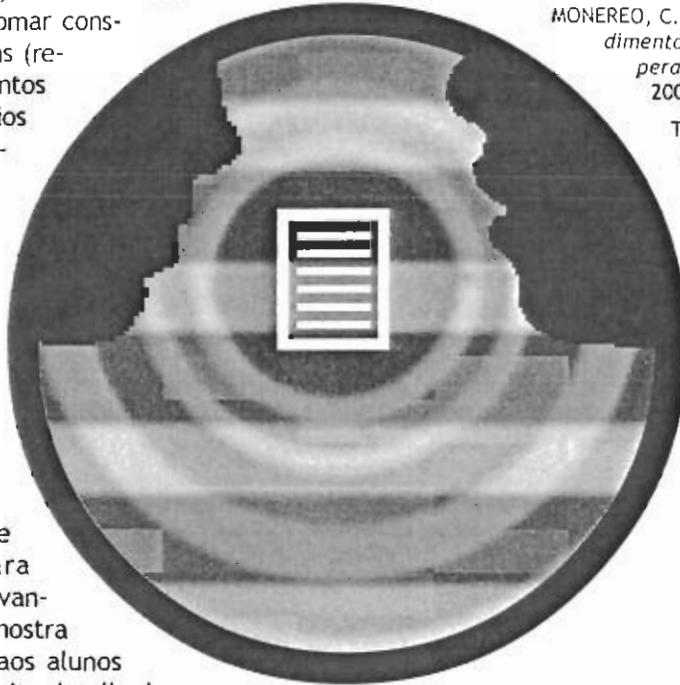
Se agora insisto sobre ela, faço isso não apenas com o propósito já mencionado de formalizá-la e sistematizá-la para permitir sua incorporação no repertório das boas práticas docentes, mas também para criar formatos de interação nos quais os dois alunos aprendam, e não somente o que é tutorado. Nesse sentido, projetei materiais centrados até o momento no ensino e na aprendizagem do catalão e do espanhol que estimularam múltiplas e variadas experiências (Duran, 2006). Eles nos permitem comprovar na prática que é possível mobilizar a capacidade mediadora dos alunos, aproveitando as diferenças de nível de conhecimento que naturalmente apresentam e oferecendo atividades e contextos de interação em que os dois alunos aprendam, aprofundando o tutor e reforçando o tutorado.

Nesses materiais (que em breve estarão disponíveis no Brasil), foi proporcionada aos alunos uma estrutura de interação e de atividades para o desenvolvimento das habilidades linguísticas básicas. Assim, em uma proposta de organização de sessões de uma hora, os primeiros 15 minutos giram em torno da leitura de um texto, seguindo uma técnica de leitura em dupla. Nos 15 minutos seguintes, os alunos desenvolvem atividades de compreensão leitora. Na seqüência, ajudados por um roteiro de escrita em dupla, compõem um pequeno texto. Os últimos 15 minutos são dedicados a atividades que se alternam, como a auto-avaliação da dupla.

Optar por um formato muito estruturado da interação facilita a aprendizagem das tarefas associadas aos respectivos papéis, mas requer uma formação inicial. Uma vez realizada essa formação, as sessões propriamente de tutoria entre iguais têm uma alta taxa de tempo de trabalho efetivo, oferecendo aos alunos oportunidades para tomar consciência de suas aprendizagens (refletindo sobre os procedimentos a empregar, criando os próprios materiais didáticos, auto-avaliando-se, etc.) e ao professor a oportunidade de fazer todo aquilo que lhe dificulta a gestão tradicional da sala de aula (prestar ajuda personalizada, registrar dados para a avaliação contínua, saber como pensam seus alunos, etc.).

Naturalmente, como toda metodologia, a tutoria entre iguais pode ter riscos e elementos negativos. Para minimizá-los e desfrutar das vantagens, minha experiência mostra que é necessário oferecer aos alunos essa estrutura de relação muito detalhada; depois, à medida que as duplas se interiorizam, vamos transferindo a elas a possibilidade de ajustá-la às suas necessidades específicas. Os materiais devem ser pensados para dinamizar essa estrutura, e os alunos tutores precisam de oportunidade para que elaborem materiais didáticos (de acordo com o modelo e a supervisão do professor). É necessário dar um tempo para que se estabilize o funcionamento das duplas e oferecer ajuda para que se ajustem aos respectivos papéis. Como dizia antes, o professor deve desempenhar outro papel, monitorando as duplas e oferecendo *feedback* de seus progressos.

Estamos todos de acordo que a sociedade do século XXI, a sociedade da informação e do conhecimento, requer sistemas educativos que preparem os futuros cidadãos para aprender autonomamente. Mas parece igualmente certo que, se os processos de aprendizagem nos acompanharão ao longo de toda a vida, os processos de ensino também deverão estar presentes, visto que uns não existem sem os outros. Em uma sociedade democrática e sustentável, ensinar a outros, compartilhar e criar conhecimento será não apenas uma boa maneira de aprender, mas também algo para o qual a escola terá de nos preparar.



REFERÊNCIAS

- DURAN, D. (coord.). Tutoria entre iguais: algunas prácticas. *Aula de Innovación Educativa*, n. 153-154, p. 7-39, 2006.
- DURAN, D.; VIDAL, V. *Tutoria entre "iguais": a teoria na prática*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- MONEREO, C.; DURAN, D. *Tramas: procedimientos para a aprendizagem cooperativa*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- TOPPING, K. *Tutoring by peers, family and volunteers*. Geneva: UNESCO, 2000.

David Duran

é professor do Departamento de Psicologia da Educação da Faculdade de Ciências da Educação da Universidade Autônoma de Barcelona. Coordena o Grupo de Aprendizagem entre Iguais do Instituto de Ciências da Educação da UAB.
david.duran@uab.es



- ARGÜÍS, R. e cols. *Tutoria: com a palavra, o aluno*. Porto Alegre: Artmed, 2003. (Coleção Inovação Pedagógica: V.6)
- DURAN, D.; VIDAL, V. *Tutoria entre iguais: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- PACHECO, J. e cols. *Caminhos para a inclusão: um guia para o aprimoramento da equipe escolar*. Porto Alegre: Artmed, 2007.